

# Walter Benjamin: o fascismo e sua crítica - uma teorização em processo (1925-1940)\*

*Walter Benjamin: Fascism and its critique - Theorizing in process (1925-1940)*

Rafael B. Vieira\*\*

## Resumo

Neste ensaio, procuro interpretar historicamente como se dá o processo pelo qual Walter Benjamin teoriza criticamente sobre o fascismo. É evidente que o tema não se esgota nas indicações feitas neste texto, já que, como argumento, ele faz parte da experiência de um tempo que marca profundamente o balanço proposto por Walter Benjamin em seus escritos tardios, e vai além dos momentos em que o termo fascismo é explicitamente mencionado. Pretendo, porém, destacar a importância dos aspectos levantados ao longo do texto para uma teorização que se expressa *em processo*, atrelada aos fenômenos históricos sobre os quais se debruçava.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin; fascismo; crítica; marxismo

## Abstract

In this essay, I interpret historically the process by which Walter Benjamin critically theorizes about fascism. Benjamin's theorization on fascism is not exhausted by the points raised in this text. As I argue, the historical context is part of the experience of a time that profoundly marks Walter Benjamin's late work in general, which goes beyond the moments when the term fascism is explicitly mentioned. However, I intend to highlight the importance of the aspects discussed throughout this essay for a theorization *in process*, linked to the historical phenomena on which he focused.

**Keywords:** Walter Benjamin; fascism; critique; marxism

---

\* Este texto é uma reelaboração das notas preparatórias e do relatório do curso de extensão "Walter Benjamin: o fascismo e sua crítica", oferecido na Escola de Serviço Social da UFRJ e na Faculdade de História da UFF entre os dias 10 e 19 de março de 2025 como resultado das atividades de estágio de pós-doutorado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Devo à Virgínia Fontes, que leu parte destas anotações, o incentivo para sua retomada e transformação no formato de um artigo. Dedico a ela este texto.

\*\* Professor Adjunto da Escola de Serviço Social da UFRJ. Integra o NIEP-Marx (UFF) e o GEMPS (UFRJ). Realizou estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Contato: r.vieira@ess.ufrj.br.

## Introdução

Diante da ascensão global da extrema-direita, os escritos de Walter Benjamin sobre o fascismo têm sido objeto de renovado interesse (Khatib, 2018; Rebuá 2019; Löwy, 2019; Guerreiro da Costa, 2021; Hennig, 2021; Renton, 2024; Della Torre, 2026) assim como o de outros intelectuais e militantes marxistas que se dispuseram a pensar criticamente sobre o fenômeno. (Mattos, 2020, p. 19-41) Estas análises “clássicas” no interior dessa tradição vêm sendo recuperadas e rediscutidas para indagar sobre suas pertinências conceituais para a apreensão do fascismo enquanto manifestação histórica própria e sobre a dialética entre permanência/mudança em relação à sua emergência nos anos 1920 e 1930 do século XX.

Já podem ser identificados em sua obra certos comentários diretos e indiretos sobre o fascismo em alguns fragmentos, passagens e cartas que datam de meados dos anos 1920, antes de um primeiro balanço teórico mais denso em 1930 enquanto ainda vivia em Berlim. Benjamin exila-se em 1933, quando, segundo ele, na Alemanha “o ar está irrespirável”, (Benjamin, 1993 [1933], p. 44) em nítida referência à ascensão do fascismo alemão ao poder. Durante seu longo e penoso exílio, no esforço de realizar um balanço teórico-político de seu tempo, o tema irá ocupá-lo recorrentemente até sua morte, em 1940, enquanto tentava escapar das tropas de Hitler que o perseguiram por sua dupla condição de judeu e comunista.

Neste ensaio, procuro interpretar historicamente como se dá o processo pelo qual Walter Benjamin teoriza criticamente sobre o fascismo. É evidente que o tema não se esgota nas indicações feitas neste texto, já que, como argumento, eles fazem parte da experiência de um tempo que marca profundamente a obra de Walter Benjamin e vão além dos momentos em que o termo é explicitamente mencionado. Pretendo, porém, destacar a importância dos aspectos levantados para uma teorização que se expressa *em processo*, atrelada aos fenômenos históricos sobre os quais se debruçava.

## II. A mirada para a ascensão da extrema-direita europeia

É sobretudo a partir do que Walter Benjamin (GS VI, p. 781)<sup>1</sup> chama da “revolução fracassada” alemã de 1918 que passa a haver uma aproximação maior de seus escritos com os acontecimentos conjunturais da Europa e da Alemanha em particular. Seu processo de politização é complexo, sinuoso e objeto de polêmica entre comentaristas, mas é certo que é com a revolução e a contrarrevolução na Alemanha que se acelera aquilo que Scholem identificou como um giro “político” de seus escritos. (Scholem, 2008, p. 99)

Isso faz com que, em alguns momentos, de forma indireta, a ascensão da extrema-direita na Alemanha apareça em seu campo de visão. Como sustentam Eiland e Jennings (2014, p. 130), embora os episódios que marcam a intervenção da extrema-direita na contrarrevolução alemã não sejam ressaltados em suas cartas, é nesse complexo contexto que é escrita a nota, hoje perdida, intitulada *Vida e violência*, que, segundo Benjamin (Br I, p. 237), foi “escrita do coração”. É também debatendo esses episódios que foi escrito o fragmento *O direito de usar a violência* (Benjamin, 2020a; GS VI, p. 104-108), que serviu de base para o hoje conhecido ensaio sobre a *Crítica da violência – crítica do poder* em que discute, entre outros aspectos, os rumos da revolução e da contrarrevolução alemã. (Vieira, 2016, p. 53-92)

Nesse fragmento relativamente pequeno, Benjamin debate com Herbert Vorwerk – jurista liberal alemão que havia publicado um artigo homônimo em uma revista para o socialismo religioso em setembro de 1920 – a interpretação da tentativa de golpe da extrema-direita alemã que se tornou conhecido como o golpe de Kapp. (Loureiro,

<sup>1</sup> Recorro aqui a algumas abreviações dos escritos reunidos de Benjamin, geralmente utilizadas para facilitar as citações e referências.

GS, seguido do seu respectivo volume, para: *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1972-1989, 7v.

Br para: *Briefe*. Frankfurt: Suhrkamp, 1966. 2v.

GB, seguido do seu respectivo volume, para: *Gesammelte Briefe*. Frankfurt: Suhrkamp, 1996-2000. 6v.

Sempre que um texto de Walter Benjamin for mencionado, procuro fazer, sempre que possível, referência primeiro à tradução em português, seguida da referência à edição original dos escritos reunidos ou da correspondência.

2005, p. 115-123) Só que Benjamin (2020a, p. 2092; GS VI, p. 105) vai além do debate conjuntural imediato para formular teórica e filosoficamente sobre o episódio, refletindo sobre a relação entre as “lutas por existência” e o direito, o Estado e a violência/poder, tendo como referência indireta a luta do movimento operário. (Fenves, 2011, p. 217)

Embora o fragmento de 1920 e o ensaio de 1921 abordem de forma muito indireta a ameaça da extrema-direita na contrarrevolução alemã, é somente em 1924 que o fascismo, como fenômeno próprio, começou a ser mencionado, de início em sua correspondência. E, para isso, sua viagem para Capri, na Itália, durante o governo de Mussolini, foi um acontecimento decisivo. Benjamin viajou para a Ilha de Capri em abril de 1924 com o objetivo principal de concluir a redação de sua tese de habilitação à docência, que lhe permitiria concorrer a uma vaga na universidade alemã. (Eiland & Jennings, 2014, p. 200) Mas durante sua estadia de aproximadamente seis meses nesta ilha, passou a ser interpelado por um conjunto de acontecimentos que marcaram sua trajetória. Sua opção pelo marxismo se deu durante o período em Capri. (Vieira, 2024) Um dos aspectos que estão relacionados a esta decisão é uma avaliação do perigo que o fascismo materializava. Sua estadia em Capri coincidiu com a visita de Mussolini à Ilha. A carta enviada a Gershom Scholem em setembro de 1924, que relata o impacto profundo produzido pela leitura de *História e consciência de classe* de Lukács (2003), é iniciada de forma abrupta, interrompendo os assuntos das cartas anteriores para descrever suas impressões sobre Mussolini. A carta menciona a organização de um evento repleto de pompa e cerimônia para recebê-lo, que, segundo Benjamin, não foi capaz de superar a frieza com que os habitantes da Ilha lidavam com aquilo. Comenta que a imagem de Mussolini contrasta com a do conquistador de corações que os cartões-postais o queriam fazer parecer, caracterizando-o como uma figura desonesta, indolente e arrogante. (Benjamin, Br I, p. 353)

Embora estas observações pessoais enfatizem seu horror diante daquilo que presenciou, elas, ao mesmo tempo, acabam atribuindo àqueles episódios um tom prioritariamente farsesco, subestimando em alguns momentos a dramaticidade daqueles eventos e o poder de Mussolini. Em seu retorno a Berlim, que teve paradas em algumas cidades italianas, ao horror da primeira impressão é acrescentada uma sensação de uma ameaça fascista profundamente imersa no cotidiano. Durante sua estadia em Florença, seus poucos dias lá coincidiram com festividades repletas de demonstrações de poder por parte do fascismo, tendo presenciado depois em Perugia as milícias fascistas fazendo juramentos ao Rei. (Benjamin, Br I, p. 360-365)

Estas observações presentes em sua correspondência ainda estão no registro mais de uma impressão pessoal do que de uma maturação teórica mais ampla, mas, de qualquer forma, o instigam a debruçar-se de forma mais detida sobre o tema. A carta de dezembro de 1924, em que comunica a Scholem sobre seu retorno para Berlim, fala também da necessidade de não mais “mascarar os elementos atuais e políticos” (Benjamin, Br I, p. 268) de seu pensamento. O tema passa a interpelá-lo no período subsequente, mesmo dedicado no primeiro semestre de 1925 à conclusão de sua tese de habilitação – que foi concluída, mas não chegou a ser defendida diante dos sinais nítidos de que seria rejeitada.<sup>2</sup> De qualquer forma, é importante sublinhar que o contraponto ao fascismo é fundamental no processo de politização de Walter Benjamin, fazendo com que avance na teorização sobre o tema nos anos posteriores.

### III. Destruição e crise (1925-1932)

<sup>2</sup> Lindner (1985, p. 324-341) reconstruiu com detalhes o episódio, assim como publicizou a documentação que demonstrava que a habilitação seria rejeitada, caso Benjamin não seguisse o “conselho” de retirar sua candidatura. Cf. ainda: Brodersen (1997, p. 146-149).

Uma teorização crítica, ainda inicial, sobre o fascismo pode ser notada no curto texto *As armas do amanhã*,<sup>3</sup> publicado em 29 de junho de 1925.<sup>4</sup> Vale notar que o termo fascismo não aparece neste texto, mas deve ser percebido como um de seus temas centrais. Um de seus objetivos principais é oferecer um contraponto, estético e político, ao entusiasmo belicista do futurismo italiano, movimento artístico cujas principais frações no pós-guerra aderem ao fascismo<sup>5</sup> – um tema ao qual Benjamin retornará explicitamente na parte final do ensaio sobre *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Foi durante o período em Capri que Walter Benjamin teve contato com o futurismo italiano. Ele parece ter presenciado um momento em que Marinetti realizou a performance de um “poema barulhento” (Benjamin, GB II, p. 493) de grande efeito em um café, conforme expõe em carta a Gottfried Salomon de novembro de 1924.

No texto de 1925, Benjamin contrapõe-se à idealização de um futuro projetado sob a primazia das armas, do metal e da guerra, elementos característicos da poética de Marinetti. (Marinetti, 1914, p. 181-187) O futuro, ao invés de representado sob os signos das armas e da guerra como sinais de grandeza e virilidade masculina, é invertido e visto sob o signo da destruição que colocava em risco a própria humanidade. Benjamin parece ter se inteirado de algumas discussões mais recentes sobre a química aplicada à indústria bélica, trazendo como subtítulo o nome de componentes que aparentemente causam estranheza a um leitor leigo: *As armas do amanhã: batalhas com cloroacetofenona, difelamina cloroarsina e sulfeto de dicloroetila*. Seu argumento é que, em breve, a generalização de seu uso os tornará conhecidos do grande público, mesmo que sob a forma de apelidos, como no caso do gás mostarda (o sulfeto de dicloroetila). Além disso, o subtítulo é marcado pelo uso do substantivo *Schlachten*, que significa batalhas no sentido bélico, mas também matanças.<sup>6</sup>

Do ponto de vista teórico, seu objetivo é mostrar como o desenvolvimento da indústria química aplicada à guerra supera a cada dia as projeções de mundo ingênuas tanto do futurismo (que dá ênfase ao uso do aço, das armas manuais e dos aviões) como do chauvinismo belicista da literatura de guerra de ex-combatentes, mencionadas indiretamente no primeiro parágrafo ao tratar dos relatos do front entre 1914-1918 – e cujo principal expoente é Ernst Jünger (que dá ênfase à vivência na guerra de trincheiras). O uso da química tende a modificar a dinâmica do “conflito bélico vindouro”, nos diz Benjamin. (Benjamin, 2013, p. 69; GS IV, p. 473)

Benjamin descreve, de maneira angustiante, as mais recentes “descobertas” e “invenções” da indústria bélica e o potencial destrutivo nelas contido. Após uma de suas exposições, referindo-se às “inovações”<sup>7</sup> promovidas, afirma que “a fantasia humana se recusa a acompanhá-las”. (Benjamin, 2013 [1925], p. 71; GS IV, p. 475) As imagens que Benjamin projeta em seu texto substituem a ideia de uma glória futura que norteia a estética futurista pela noção de uma catástrofe iminente. Não se trata de um

<sup>3</sup> Como informam os editores alemães, (GS IV, p. 1033) o artigo original, publicado na *Vossische Zeitung*, é assinado por *d s b*, as iniciais de Dora Sophie Benjamin, sua esposa na época. Mas Benjamin incluiu o texto em seu índice de trabalhos publicados, bem como guardou uma cópia entre alguns recortes de suas publicações. Além disso, trechos deste texto são quase transcritos na resenha de 1930 sobre as *Teorias do fascismo alemão*. Há tradução para o português do texto. (Benjamin, 2013, p. 69-72) O título [*Die Waffen von morgen*] foi traduzido nesta edição como *As armas do futuro*. Farei referência ao título como *As armas do amanhã*, uma tradução mais literal e próxima do uso cotidiano do termo *morgen*. Benjamin, em outros textos, quando referia-se ao futuro, priorizava o uso do termo *Zukunft*. Na escolha pela referência como *As armas do amanhã*, há também um aspecto que é relativo ao próprio texto, que não faz referência a um futuro que poderia soar como distante ou indefinido. O amanhã sublinha o caráter de urgência que sobressai destas linhas, que mencionam uma “guerra vindoura” (Benjamin, GS IV, p. 473) logo em seu início.

<sup>4</sup> Como o texto foi escrito e publicado entre o depósito de sua tese de habilitação, em 12/05/1925, e a projetada avaliação pelo comitê indicado pela Universidade de Frankfurt, é possível que a opção por assinar o texto como *d s b* esteja relacionada com o receio de que um texto que tratava sobre a conjuntura de guerra fosse mal recepcionado naquele momento em que direcionava seus esforços para ingressar profissionalmente no ambiente predominantemente conservador da universidade alemã daquele momento.

<sup>5</sup> Para uma reconstrução detalhada da aproximação do futurismo com o fascismo, ver: De Micheli (1999, p. 195-205). Ainda: Ferreira (1979, p. 28-32).

<sup>6</sup> O substantivo *Schlachten* relaciona-se com o verbo *schlachten*, abater, que tem também como variações o substantivo *Schlachtung*, abate; *Schlachthaus*, abatedouro/matadouro...

<sup>7</sup> As três aspas anteriores são minhas, e não do texto de Benjamin.

futuro glorioso projetado, como querem os futuristas, mas de um amanhã que nos põe diante de uma “guerra vindoura” que “terá um front espectral”. (Benjamin, 2013, p. 69; GS IV, p. 473) Seu foco, neste texto, é a crítica à generalização do fetiche da guerra, que o futurismo compartilha com o fascismo.

Logo após a publicação deste texto, ocorre o episódio anteriormente mencionado da rejeição da tese de habilitação de Walter Benjamin. Jeanne Marie Gagnebin sugere que, com essa rejeição, há uma liberação crítica perceptível na obra deste autor, anteriormente contida pelo jogo de compromissos existente na universidade alemã, para onde era direcionada uma parte de suas expectativas até então. (Gagnebin, 2018, p. 47) É parte desse processo de liberação crítica, nitidamente perceptível a partir de 1925, tanto o aprofundamento que dedica à tradição marxista quanto uma aproximação mais decidida em relação a temas conjunturais. Além disso, é perceptível um maior volume de perguntas/questionamentos sobre a práxis política e uma maior abertura a determinadas tendências das vanguardas europeias daquele tempo.

No limiar destes movimentos, Walter Benjamin publica em 1928 *Rua de mão única*, um livro nitidamente inspirado nas vanguardas literárias europeias (russas, francesas e alemãs) da época. O livro é uma reunião de fragmentos novos e anteriores, articulados sob uma forma estética muito singular. Um dos fragmentos reunidos do livro, intitulado *Alarme de incêndio*, acentuava a percepção de uma catástrofe vista como iminente. Nele, Benjamin interpreta uma passagem do *Manifesto do partido comunista*. Para o crítico berlinense, a luta do proletariado aparecia não só como responsável pela construção de um porvir distinto, mas como a única forma eficaz de conter a barbárie. As disputas entre as grandes potências capitalistas fazem dos diversos espaços do mundo a porta de entrada para as novas guerras que, com as atuais tecnologias, ganham uma proporção sempre tendencialmente mundial e cada vez mais destrutivas. Restava saber se a burguesia sucumbiria ao proletariado ou se o mundo seria arrastado para uma nova guerra mundial capaz de colocar em risco a própria humanidade. “Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado”. (Benjamin, 2023 [1923-28], p. 76; GS IV, p. 122) O termo fascismo não aparece neste curto aforismo, mas ele parece retomar subterraneamente alguns temas já tratados em *As armas do amanhã*. Ao mesmo tempo, em *Alarme de incêndio* é acentuada a urgência da ação política do proletariado, enquanto em *As armas do amanhã* conclui-se clamando mais genericamente para a “atenção pública”. (Benjamin, 2013 [1925], p. 72; GS IV, p. 476)

A relação entre fascismo, crise e destruição será um tema específico de elaboração principalmente na resenha crítica de 1930, intitulada *Teorias do fascismo alemão: sobre a coletânea “Guerra e Guerreiros”, editada por Ernst Jünger*. Ao contrário dos textos anteriores em que o tema aparece apenas indiretamente, na resenha de 1930 já são perceptíveis os esforços de uma elaboração teórica mais densa e explícita.

O texto se inseria em um esforço de Benjamin voltado a analisar criticamente a ascensão do fascismo alemão, que cresceu exponencialmente pós-crise de 1929 e é vitorioso nas eleições de dezembro de 1929 na Turíngia. Jünger era um dos principais nomes de uma literatura belicista na Alemanha, marcada pela exaltação da guerra (Elias, 2007, p. 190-195) e por descrições que revelavam um certo fascínio pelo campo de batalha – uma das características mais marcantes de *Tempestades de aço* (Jünger, 2024), seu livro de estreia publicado em 1920, que era visto como forjador de caráter. (Jünger, 2014, p. 10) A coletânea organizada por Jünger, objeto da resenha de Benjamin, trazia textos de ex-soldados da Primeira Guerra Mundial, que, embora não tivessem um padrão doutrinário unânime, eram marcados pelo misticismo e pelo culto da guerra. (Benjamin, 1984 [1930], p. 130; GS III, p. 239) O próprio Jünger, em sua introdução ao livro, indica também que o nacionalismo é o vetor central que unificava aqueles textos (Jünger *apud* Hillach, 1979, p. 99), sendo um dos temas abordados em seu longo ensaio de abertura da coletânea. (Jünger, 2002 [1930])

Para o fascismo, o nacionalismo torna-se um formato específico de vetor social e racial de organização e pretensão de coesão entre alemães, procurando constituir ou projetar vínculos que se realizam no Estado. (Bolle, 1984, p. 97-98) A concepção de uma nação coesa e de um “destino germânico” (Benjamin, 1986 [1930], p. 133; GS III, p. 243) eram elementos mobilizadores para a guerra na era do imperialismo. Essa nação uma tende a reforçar o racismo interno, por meio da idealização do nacional em contraposição ao outro visto como racialmente inferior e inimigo. Evocavam-se ou forjavam-se mitos nacionais ou individuais na figura dos heróis de guerra que, em tese,

representariam a nação por meio de um suposto espírito guerreiro e de sacrifício que serviria como ponto de referência para o restante da população.

O fascismo alemão nasceu tendo a guerra como horizonte imediato, combinando traços racistas, anticomunistas, militaristas, antisemitas e expansionistas. Por meio da construção imaginária de uma nação una e indivisível, camuflando ideologicamente a luta de classes através da tentativa de forjar solidariedades artificiais de guerra, o fascismo alemão forjava o imaginário de uma nação acima das classes, pronta para combater o inimigo interno (materializado em socialistas, judeus, ciganos, homossexuais etc.) e externo. Procurando desmistificar o conceito de nação ao qual recorriam os autores da coletânea, Benjamin afirma que:

O que se formou aqui, a princípio sob a máscara do voluntário, na Guerra Mundial, e depois, sob a do mercenário, no pós-guerra, é na verdade o confiável guerreiro fascista na luta de classes; e o que os autores entendem por nação é uma classe dominante apoiada nessa corporação, uma classe que não precisa prestar contas a ninguém e muito menos a si mesma, imperando nas alturas, com os traços de esfinge do produtor, que em breve promete ser o único consumidor de suas mercadorias. Com essa fisionomia de esfinge, a nação dos fascistas constituiu-se, ao lado do antigo mistério da natureza, num novo mistério, econômico, o qual, longe de iluminar-se com a luz da técnica, ostenta agora seus traços mais ameaçadores. No paralelogramo de forças constituído pela natureza e pela nação, a diagonal é a guerra. (Benjamin, 1986, p. 136; GS III, p. 248)

Segundo Benjamin, o tipo de ideologia guerreira exaltada por Jünger e seus colaboradores estaria ultrapassada pelo próprio desenvolvimento das forças produtivas mobilizadas pelo armamentismo europeu. (Benjamin, 1986 [1930], p. 131; GS III, p. 239) Jünger parte, sobretudo, de sua vivência na guerra de trincheiras, um formato que havia deixado de ser preponderante se acompanhado com atenção o desenvolvimento da indústria bélica e química. Benjamin retoma nesta resenha quase expressamente o curto texto de 1925 sobre *As armas do amanhã*, para tratar da guerra de gases e das batalhas aéreas nos conflitos vindouros, que faria com que a guerra de trincheira não fosse mais o paradigma dominante, e, além disso, colocaria por terra até mesmo a distinção entre população civil e combatente presente no direito internacional. (Benjamin, 2013 [1925], p. 71; GS IV, p. 475)

Como ficará explícito na parte final do ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, ao tratar da relação entre a técnica e uma sociedade que não estava madura para o seu uso, Walter Benjamin retoma uma passagem importante de Marx e Engels sobre as crises, exposta no *Manifesto do partido comunista*. (Benjamin, 2012a, p. 117-123; GS VII, p. 382-384) Esta dialética corresponde ao que Marx e Engels trataram como a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. A longa transcrição desta passagem nos parece essencial para tratar do argumento desenvolvido por Benjamin (e inclusive das suas metáforas), e é chave nos textos em que aborda o fascismo europeu:

As relações burguesas de produção e de circulação, as relações burguesas de propriedade, a moderna sociedade burguesa, que fez aparecer meios de produção e de circulação tão poderosos, assemelha-se ao feiticeiro que já não consegue mais dominar os poderes subterrâneos que invocou. Há decênios a história da indústria e do comércio vem sendo apenas a história da revolta das modernas forças produtivas contra as modernas relações de produção, contra as relações de propriedade que constituem as condições vitais da burguesia e da sua dominação. Basta mencionar as crises comerciais que, em sua recorrência periódica, questionam de maneira cada vez mais ameaçadora a existência de toda a sociedade burguesa. Nas crises comerciais extermina-se regularmente não apenas uma grande parte dos produtos fabricados, mas também das forças produtivas já criadas. Deflagra-se nas crises uma epidemia social que a todas as épocas anteriores apareceria como contra-senso: a epidemia da superprodução. A sociedade encontra-se remetida subitamente a um estado de momentânea barbárie; uma epidemia de fome, uma guerra geral de extermínio parece ter-lhe cortado todo suprimento de alimentos; a indústria, o comércio parecem aniquilados, e por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados suprimentos de alimentos, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas que estão à sua disposição já não servem mais ao fomento das relações de propriedade burguesas; ao contrário, elas se tornaram por demais poderosas para essas relações, são tolhidas por elas; e tão logo superam esse obstá-

culo, levam toda a sociedade burguesa à desordem, põem em perigo a existência da propriedade burguesa. As relações burguesas tornaram-se demasiado estreitas para abarcar a riqueza gerada por elas. Através de que meios a burguesia supera as crises? Por um lado, pelo extermínio forçado de grande parte das forças produtivas; por outro lado, pela conquista de novos mercados e da exploração mais metódica dos antigos mercados. Como isso acontece então? Pelo fato de que a burguesia prepara crises cada vez mais amplas e poderosas, e reduz os meios de preveni-las. (Marx & Engels, 1998, p. 13-14)

É por isso que Benjamin afirmou, ainda no primeiro parágrafo do texto, que “toda guerra futura é ao mesmo tempo uma insurreição de escravos por parte da técnica”. (Benjamin, 1986 [1930], p. 130; GS III, p. 238) Um dos pontos mais importantes deste texto é analisar o movimento pelo qual, nas sociedades de capitalismo avançado em uma era de crise, as forças produtivas podem se transformar em forças destrutivas,<sup>8</sup> tendencialmente culminando na experiência de uma guerra generalizada como potencialidade desta forma social. Diante de uma crise de ampla magnitude, os capitais sobreacumulados procuram incessantemente formas de realização. Aceleram-se os desejos entre as classes dominantes de novos espaços e relações para o escoamento de capitais procurando valorização, em um movimento que intensifica e leva ao limite as disputas imperialistas (dentro e fora dos países centrais).

Em um argumento que será desenvolvido no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*,<sup>9</sup> as forças produtivas sob estas relações de produção e propriedade produzem seu reverso, havendo uma imbricada dialética entre produção e destruição neste modo de produção. A lógica do valor de troca e da própria forma-valor pressiona o valor de uso das mercadorias, e em momentos de crise e de guerra, algumas irracionalidades do sistema (na verdade, frutos de uma racionalidade específica) vêm à tona. A destruição em processo de territórios, espaços e mesmo de objetos que podem real ou potencialmente satisfazer necessidades humanas torna-se um recurso possível para encontrar novos espaços de escoamento e eliminar o que é considerado obsoleto; ou gerar demandas de reconstrução do que foi destruído. Neste movimento, torna-se ainda mais nítido que, sob o capitalismo, as mercadorias são produzidas tendo em vista o seu valor de troca, e somente satisfazem necessidades na medida em que seu valor de troca se efetive e, com isso, o valor se valorize. Isso não descola o valor de troca de seu valor de uso, algo irreal e que levaria à eliminação da dialética própria do valor. Do ponto de vista dos capitais individuais, é evidente que não se elimina um valor de uso, mesmo que obsoleto. Mas, de um ângulo mais global, a destruição pode ser mobilizada como um recurso (certamente não o único) para que o processo de acumulação atinja novos patamares. Trata-se de uma dinâmica que pretende efetivar um movimento no qual a destruição objetiva colocar a produção em novos patamares, diante de uma pressão constante por acumulação, intensificada em um quadro de crise de grandes proporções.

Aos olhos de Benjamin, o fascismo procura oferecer uma resposta a estas crises, a partir da pretensão de salvar o status quo das contradições produzidas pela própria sociedade burguesa, e, ao mesmo tempo, renová-la. Ele acelera o processo que conduz a humanidade a uma guerra iminente e cada vez mais destrutiva e procura gerir, simultaneamente radicalizando, as forças destrutivas presentes no seio da sociedade burguesa em crise. Na resenha de 1930, enquanto o fascismo alemão estava em franca ascensão, sua ênfase explicativa recaiu no nacionalismo para explicar a difusão ideológica do movimento, bem como nas relações entre crise e destruição para tratar do

<sup>8</sup> O problema também aparece, na obra de Marx e Engels, em *A ideologia alemã*, ao afirmarem que: “Essas forças produtivas, sob o regime da propriedade privada, obtêm apenas um desenvolvimento unilateral, convertem-se para a maioria em forças destrutivas e uma grande quantidade dessas forças não consegue alcançar a menor utilização na propriedade privada”. (Marx & Engels, 2007, p. 60; cf. também p. 41)

<sup>9</sup> Como fica explícito na seguinte passagem: “se a utilização natural das forças produtivas é detida pela ordenação da propriedade, então o aumento dos recursos técnicos, dos ritmos, das fontes de energia, impele para uma utilização não natural. Essa utilização é encontrada na guerra que, com suas destruições, comprova que a sociedade não estava madura o suficiente para fazer da técnica o seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente elaborada para dominar as forças sociais elementares. A guerra imperialista é determinada, em seus traços mais cruéis, pela discrepância entre os poderosos meios de produção e a sua utilização insuficiente no processo de produção”. (Benjamin, 2012a [1936], p. 121; GS VII, p. 383)

fenômeno historicamente. Já em 1933, após a subida ao poder do fascismo alemão, Benjamin incorporava a estas dimensões a apreensão do fascismo como fenômeno de massas.

#### IV. O fascismo e as massas (1933-1938)

Embora tenha passado alguns períodos na Espanha, na Itália e na Dinamarca, por razões pessoais e para economizar dinheiro, é na França, e mais especificamente em Paris, que Benjamin se estabelece durante o exílio. (Witte, 2017, p. 107-114) No curso destes anos, consolida seu trabalho sobre as Passagens de Paris, estreita seus vínculos com o Instituto de Pesquisa Social (que, com a ascensão do nazismo, transfere sua sede de Frankfurt para Genebra antes de ir para Nova York em 1934), aproxima-se de alguns círculos de exilados de esquerda e também procura realizar um balanço político e teórico mais denso do fascismo alemão.

Diante da ascensão do fascismo ao poder central na Alemanha, em 1933, Walter Benjamin incorporou um tema que não era tematizado com a mesma densidade anteriormente: a análise do fascismo como fenômeno de massas e a forma pela qual se expressam estas massas. Esse esforço é perceptível nitidamente em A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, um texto em que o próprio autor confessa buscar a elaboração de conceitos estéticos “completamente inutilizáveis para os objetivos do fascismo”. (Benjamin, 2012a [1936], p. 11; GS VII, p. 350) É sobretudo na parte final deste longo e denso ensaio que procura realizar um balanço crítico sobre o fascismo em um quadro visto como sendo de guerra iminente.

Segundo Benjamin, a proletarianização e a formação de massas na Alemanha de seu tempo são dois aspectos de um mesmo processo. O capitalismo necessita de trabalho vivo e, por isso, de uma força de trabalho à sua disposição, em determinadas formações nacionais concentradas no espaço urbano, ao qual se soma a tendência à concentração e centralização de capital, processos que culminam na expansão das massas proletarianizadas e sua concentração/disposição espacial nas grandes cidades das principais potências imperialistas. Para Benjamin, o que caracteriza o fascismo seria o esforço de disciplinamento dessas massas proletarianizadas, de forma a abolir qualquer desejo de abolição das relações de produção e propriedade existentes presentes nestas massas. O fascismo é um paradigma de mobilização de massas a favor da ordem. Trata-se de permitir que tais massas se expressem, modelando um certo tipo de psicologia particular de forma a dar vazão a uma explosão ao mesmo tempo violenta e controlada de determinadas sensações. Esta mobilização é permitida, desde que a ordem social e racial dominante não seja colocada em questão.

Em uma nota à segunda versão deste ensaio (hoje considerada a terceira),<sup>10</sup> Benjamin aprofunda-se no problema para proceder à diferenciação entre a massa no sentido nazifascista e a classe. Partindo de Lukács (2003), Benjamin afirma que a consciência de classe do proletariado diferencia-se da estrutura de comportamento da massa. A consciência de classe do proletariado, que se forja em sua própria luta, é determinante na passagem de uma classe em si para uma classe para si, tal como expresso por Marx em A miséria da filosofia. No autorreconhecimento do proletariado enquanto classe também está inscrita a possibilidade de agência diante das estruturas estabelecidas. Benjamin tem em mente aqui o confronto com as estruturas de poder do nazifascismo, que impelem a um comportamento automático diante do líder [Führer]. Para Benjamin,

[...] o proletariado com consciência de classe forma uma massa compacta, apenas visto de fora, na representação de seus opressores. No momento em que assume sua luta por libertação, a sua massa aparentemente compacta na verdade já se afrouxou. Ela cessa de se manter sob o domínio da mera reação e passa para a ação. O afrouxamento das massas proletárias é obra da solidariedade. Na solidariedade da luta de classes proletária, a oposição morta, não dialética, entre indivíduo e massa é abolida; essa oposição não existe para os camaradas. (Benjamin, 2012a [1936], p. 78 e 80; GS VII, p. 370)

<sup>10</sup> Anteriormente esta era conhecida como a segunda versão, mas foi descoberta tardiamente uma versão mais antiga em forma de esboço. Esta é a versão que mais explicita a dimensão política do ensaio, e foi considerada por Benjamin a primeira pronta para publicação. (Machado, 2012, p. 3) Sobre as diferentes versões: Seligmann-Silva (2019, p. 45-49).

A solidariedade social e de classe pretende ser eliminada pelo fascismo, seja por meio da cassação de quaisquer formas autônomas de organização do proletariado como classe,<sup>11</sup> seja por meio do culto aos ideais de extirpação daqueles vistos como racialmente inferiores. Trata-se, para o fascismo, de dar contorno às massas, procurando estabilizá-las e adestrá-las. Segundo Benjamin, as características essenciais das massas fascistas são o seu caráter compacto e reativo, o que favorece certos comportamentos irracionais (no sentido dado pela apropriação fascista do conceito de mito de Sorel).<sup>12</sup><sup>13</sup> Para o autor, o modelo de sujeito-massa é a pequena-burguesia, uma massa que não é classe e é tanto mais compacta quanto maior a pressão que ela sofre da burguesia e do proletariado. (Benjamin, 2012a [1936], p. 82; GS VII, p. 370)<sup>14</sup>

Adotando o ângulo da crítica da economia política, Benjamin retoma e, ao mesmo tempo, aprofunda certas reflexões sobre a técnica que já aparecem na resenha à coletânea organizada por Jünger, anteriormente mencionada. Em um trecho extenso, em que comenta o futurismo de Marinetti em suas relações com o fascismo, faz as seguintes observações:

Todos os esforços pela estetização da política culminam em um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra, e somente a guerra, torna possível dar um objetivo aos movimentos de grandíssima escala das massas, sem prejuízo às relações de propriedade tradicionais. Assim formula-se a situação em termos da política. Em termos da técnica, formula-se da seguinte maneira: somente a guerra torna possível mobilizar todos os meios técnicos do presente sem prejuízo para as relações de propriedade. É óbvio que a apoteose da guerra pelo fascismo não se serve deste argumento. [...]

Se a utilização natural das forças produtivas é detida pela ordenação da propriedade, então o aumento dos recursos técnicos, dos ritmos, das fontes de energia, impele para uma utilização não natural. Essa utilização é encontrada na guerra. [...] A guerra imperialista é determinada, em seus traços mais cruéis, pela discrepância entre os poderosos meios de produção e a sua utilização insuficiente no processo de produção (em outras palavras, por meio do desemprego e da falta de mercados). A guerra imperialista é um levante da técnica, que exige “em material humano” o que a sociedade lhe negou de seu material natural. Em vez de usinas de força, ela coloca, no campo, a força humana, na forma de exércitos. Em vez de trânsito aéreo, instaura o trânsito de projéteis, e, na guerra de gases, encontra um meio de abolir, de uma nova maneira, a aura.

“Fiat arts – pereat mundus” [Faça-se arte – pereça o mundo], diz o fascismo, e espera a satisfação artística da percepção sensorial transformada pela técnica, tal como Marinetti confessa, da guerra. Isso é evidentemente a consu-

<sup>11</sup> O fascismo, tal como se realiza concretamente, procura submeter o trabalho à corporação e ao culto ao líder, replicados em diversas microinstâncias no ambiente de trabalho, numa tentativa de discipliná-lo. O fascismo pretende evitar quaisquer expressões do antagonismo entre capital e trabalho, seja pelo disciplinamento, pela perseguição ou pela eliminação das organizações com alguma orientação marxista. (Kirchheimer, 1996 [1935], p. 160-164)

<sup>12</sup> É importante notar que, no ensaio sobre a *Crítica da violência – crítica do poder* de 1921, mesmo influenciado pelas *Reflexões sobre a violência* de Sorel (1992), Benjamin problematiza o conceito de mito, central neste livro de Sorel e objeto de ênfase na recepção desta obra pela extrema-direita.

<sup>13</sup> Como bem realçado por Francisco Pinheiro Machado, Walter Benjamin não pretende nesta nota estabelecer uma dicotomia estanque entre a emoção e a razão, mas apontar que o fascismo opera manipulando certas formas de emotividade e canalizando-as para seu projeto de mundo. As possibilidades de uso emancipatório do cinema implicariam também a emotividade, a fantasia, o onírico, o afetivo, que permitiriam um afrouxamento da massa, enquanto o fascismo opera para tentar compactá-la e torná-la meramente reativa. (Machado, 2025, p. 163-166)

<sup>14</sup> Benjamin também aponta a inserção do discurso nazista entre um contingente desesperado de desempregados (Br II, p. 537), e no direcionamento de parcelas de massas proletarizadas. Benjamin reforça o caráter pequeno-burguês do fascismo (Benjamin, 2017 [1938], p. 37-68; GS I, p. 537-569), segundo a acertada leitura de Bolle, que faz entrecruzar as leituras históricas do tempo francês e alemão no livro sobre Baudelaire. (Benjamin, 2022, p. 118-120) Ver também: Benjamin (2018 [1937-1940], v.1, p. 573 [J 66, 1]; GS V, p. 436). Sobre a composição social do fascismo e sua relação com a pequena burguesia, ver as leituras de Reich (1988) e Richard (1988), que, apesar das bases teóricas distintas, convergem neste ponto.

mação da arte pela arte. A humanidade que outrora, em Homero, foi um objeto de espetáculo para os deuses olímpicos, tornou-se agora objeto de espetáculo para si mesma. Sua autoalienação atingiu um grau que lhe permite vivenciar sua própria destruição como um gozo estético de primeira ordem. Essa é a situação da estetização da política que o fascismo pratica. O comunismo responde-lhe com a politização da arte. (Benjamin, 2012a [1936], p. 117-123)<sup>15</sup>

Nestas formulações, procura condensar algumas reflexões sobre o que poderia ser chamado de uma crítica da economia política do fascismo. Embora tenham no ensaio sobre A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica um momento importante de formulação, estas não se encerram aí. Durante o período no exílio, aprofunda seus estudos em torno da obra de Baudelaire e mergulha no projeto sobre as Passagens. Ao ser instado a escrever para a revista que o Instituto mantinha, desmembra uma parte do projeto sobre as Passagens para dar forma a um estudo específico sobre Baudelaire, entendido como um “modelo em miniatura” do projeto mais amplo. Entretanto, em passagens sobre Baudelaire e no próprio trabalho sobre as Passagens estão contidas diversas referências à história alemã recente. Como lembra a Adorno em carta de 9 de dezembro de 1938, o trabalho sobre as Passagens é também um relato sobre “as experiências que todos nós fizemos nos últimos 15 anos”. (Benjamin, 2012b, p. 413) Nesse percurso de ir ao passado com perguntas do presente, Benjamin irá elaborar, no curso de suas análises sobre Baudelaire, o conceito de Estado Totalitário.

Para Benjamin, um dos traços essenciais do fascismo é ser um regime político e um movimento voltado à manutenção das relações de produção e propriedade por meio da violência num quadro de crise do capitalismo. (Benjamin, 2012a [1936], p. 34; GS VII, p. 357; Bolle, 2022, p. 256) Ao contrário do marxismo vulgar, que entendia o fascismo como um vestígio pré-moderno ou como um fenômeno efêmero, Benjamin ressaltava o caráter propriamente moderno do fascismo, sua dimensão contrarrevolucionária e seu papel na salvaguarda da sociedade industrial. (Löwy, 2013, p. 115-116) Para o autor, os Estados Totalitários<sup>16</sup> são uma forma específica de Estado que intensifica um conjunto de tendências existentes na civilização burguesa.

Os Estados Totalitários teriam como uma de suas características essenciais promover a racionalização dirigida de uma economia mercantil, dando curso a um certo instinto gregário e comportamento automático característicos da conversão do indivíduo em massa. (Benjamin, 2017 [1938], p. 64-65; GS I, p. 564-565) Nesse sentido, o instinto gregário, típico do individualismo presente na sociedade burguesa, é controlado de forma a conviver com a projeção, característica dos regimes fascistas, do “destino nacional” e “racial”, que funciona como vínculo social que passa a articular-se com este instinto gregário de forma a procurar gerir as crises sociais e políticas advindas de sua conformação.

Essa reflexão é oriunda da reelaboração e expansão de uma nota sobre Baudelaire, presente nos fragmentos que compõem o trabalho sobre as Passagens. Nesta nota/fragmento, Benjamin condensa uma série de questões, e explicita as referências contemporâneas sobre o tema ao mencionar de que maneira a sociedade de massas é apreendida, com a pretensão de ser controlada, na noção de comunidade do povo, fundamental à ideologia nazista:

A individualidade como tal adquire um contorno heróico quanto mais dominante for a maneira com que a massa ocupa o campo visual. Esta é a origem da concepção de “herói” em Baudelaire. Quanto a Hugo, ele não se interessa pelo indivíduo isolado como tal, e sim pelo “cidadão” democrático. Isto determina uma oposição fundamental entre os dois poetas, que só poderia ser eliminada com o pressuposto de se dissipar a aparência que ela reflete. Esta aparência advém da noção de massa. A massa como tal, independentemente das diversas classes que a constituem, não possuem nenhum significado social primário. Seu significado secundário depende das circunstâncias que determinam a sua formação, de caso a caso. O público de um teatro, um exército, os habitantes de uma cidade formam massas que, como tais, não pertencem a nenhuma classe determinada. O livre mercado multiplica estas massas rapidamente e em quantidades incalculáveis, na

<sup>15</sup> Benjamin retoma neste trecho de maneira próxima o trecho do *Manifesto do partido comunista* mencionado anteriormente.

<sup>16</sup> Retomo aqui alguns trechos desenvolvidos em mais detalhes em: Vieira (2023, p. 263-271).

medida em que toda mercadoria reúne em torno de si a massa de seus compradores. Os Estados totalitários tomaram esta massa como modelo. A “comunidade do povo” [*Volksgemeinschaft*] procura exorcizar de cada indivíduo tudo aquilo que impeça sua completa fusão em uma massa de clientes. O Estado, que representa neste extremo esforço o agente do capitalismo monopolista, tem como único adversário irredutível o proletariado revolucionário. Este dissipa a aparência da massa por meio da realidade de classe. Neste ponto, nem Hugo nem Baudelaire podem se colocar diretamente ao seu lado. (Benjamin, 2018 [1937-1940], v.1, p. 610-611 [J 81a, 1]; GS V, p. 468-469)

A distinção entre massa e classe é importante na construção de seu argumento, e é por isso que menciona o antagonismo irredutível entre os Estados Totalitários e o proletariado revolucionário. Embora esteja pressuposto em todos os seus escritos sobre Baudelaire, o tema da formação da sociedade de massas aparece mais explicitamente em *Sobre alguns temas em Baudelaire*. Ao tratar do choque nas grandes cidades, Benjamin afirma que isso nos “esclarece sobre o que devemos entender propriamente por tais massas. Não se pode falar aqui de uma classe nem de um coletivo estruturado”. (Benjamin, 2017 [1939], p. 116; GS I, p. 618) Para isso, retoma algumas formulações já desenvolvidas em seu ensaio sobre A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, anteriormente mencionado.

Os Estados Totalitários procuram incentivar as aglomerações das massas e seu direcionamento durante seus rituais públicos, em momentos de autoexaltação e disciplinamento. Benjamin identifica estes momentos “nos grandes desfiles festivos, nos comícios monstruosos, nos eventos de massa esportivos e na guerra”. (Benjamin, 2012a [1936], p. 116; GS VII, p. 382) A contrarrevolução fascista se expressa não apenas pela violência repressiva contra opositores e sujeitos vistos como não integráveis ao corpo político da nação. O fascismo é também um regime estruturado em torno da reafirmação e cooptação em torno de sua própria ideologia, em que a propaganda de massas é um componente crucial. Segundo Benjamin, um dos méritos da pesquisa de Siegfried Kracauer (2004) foi ter mostrado justamente a relação entre o Estado Totalitário e a propaganda de massas no cinema. (Benjamin, 2013 [1938], p. 156; GS III, p. 525)

O epílogo do ensaio sobre A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica já continha observações importantes de sua teorização acerca do fascismo. Ao retomar o debate sobre o direcionamento das massas que caracteriza o Estado Totalitário nos textos sobre Baudelaire, o autor afirma que uma das faces do fascismo é simultaneamente legitimar o processo de proletarização das massas e controlá-lo, para evitar que pudesse surgir nestas massas qualquer desejo de abolição das relações de produção e propriedade existentes. (Benjamin, 2012a [1936], p. 117; GS VII, p. 382) O fascismo procura justamente organizar estas massas, em seu cotidiano e nos grandes eventos públicos, subjugadas às dinâmicas de culto ao líder. As massas se expressam e se manifestam nesse sentido, desde que contribuam para conservar intactos os fundamentos da ordem existente, sendo, como já dito anteriormente, uma mobilização a favor da ordem. O fascismo, ao contrário de outros movimentos conservadores, se caracteriza pela mobilização de massas, sendo um regime de incorporação subjugada das massas na política. Só que essa política enquanto tal é estetizada, como lembra Benjamin ao mencionar a estetização da política como uma característica marcante do fascismo. Segundo Benjamin, o projeto de Estado Totalitário nota essas massas, procurando direcioná-las e mobilizá-las para o que é dito como sendo os “interesses nacionais” e raciais da ideologia fascista.

Em *Sobre alguns temas em Baudelaire*, Benjamin trata do desaparecimento dos vínculos de solidariedade e reciprocidade no funcionamento alienado das grandes cidades. Por um lado, os indivíduos, agindo de forma cada vez mais gregária, isolam-se em suas casas, em seus vínculos primários, modelados por relações impessoais e instrumentais em relação aos outros. Na citação de Valéry: “A sensação de depender dos outros, antes sempre estimulada pela necessidade, vai decaindo progressivamente no funcionamento sem atritos de mecanismos sociais. Cada aperfeiçoamento desse mecanismo pressupõe a eliminação de determinados tipos de comportamento e de certas emoções”. (Valéry apud Benjamin, 2017, p. 127) Suas referências sociais, nos Estados Totalitários, são atreladas à sua conversão em massa, e dessa massa em transfiguração da nação. A solidariedade se dissipa no comportamento automático da massa. Segundo Benjamin, somos disciplinados diariamente nas grandes cidades a limitar os

horizontes do nosso sistema sensorial. Um certo comportamento de manada é necessário ao seu funcionamento, principalmente no meio das grandes aglomerações, em que o sujeito deixa de se questionar criticamente por que está ali, por que age daquela forma.

A repressão das subjetividades convive também com momentos de uma explosão controlada. Os Estados Totalitários não somente conservam, por meio da violência, a ordem dominante, mas incentivam o exercício privado, individual ou massivo, de uma violência contra seus adversários como forma de reafirmação desta ordem. O fascismo faz da estética da violência e de sua exaltação um instrumento de governo, na existência de milícias, turbas ou na própria formação de suas forças institucionais de coerção/violência. Essa violência, estatal, mas também paraestatal, masculina e ariana, é um componente essencial na afirmação identitária e na formação de uma subjetividade fascista. Na interseção entre disciplina e selvageria, “ambas se combinam de forma exemplar, nomeadamente nos Estados Totalitários, em que a polícia está em conluio com os saqueadores”. (Benjamin, 2017 [1939], p. 127; GS I, p. 629)

O Estado Totalitário, que ganha forma na era do capitalismo monopolista, intensifica as disputas imperialistas no plano das relações internacionais. Com a monopolização crescente da economia, o grande capital associado ao Estado passa a investir na conquista de novos territórios e áreas de influência, encontrando nas guerras decorrentes destas conquistas uma oportunidade de dar vazão a capitais, até o momento culminante de uma nova guerra mundial.

## V. O estado de exceção em que vivemos e o real estado de exceção (1939-1940)

A conclusão de *A Paris do segundo império na obra de Baudelaire*, em fins de setembro de 1938, se deu em meio à tentativa de anexação de territórios da Tchecoslováquia pela Alemanha. O conflito que se desdobraria na Segunda Guerra Mundial se acentuava, ao mesmo tempo em que a deterioração das condições de vida de Walter Benjamin se aprofundava. Em fevereiro de 1939, a Gestapo iniciou sua expatriação em razão de suas publicações em periódicos ligados à União Soviética (como a revista *Das Wort*).<sup>17</sup> (Witte, 2017, p. 132) Em razão deste processo, perdeu sua nacionalidade alemã. Em setembro de 1939, após a declaração de guerra da França à Alemanha, junto a outros estrangeiros de origem alemã e austríaca, foi convocado a um estádio e de lá foi enviado a um campo de trabalho, onde ficou detido por mais de dois meses. (Gagnebin, 2007, p. 209) Foi libertado em razão da interferência de alguns amigos franceses e retornou a Paris, contrariando algumas pessoas próximas que lhe recomendavam a fuga imediata. Em janeiro de 1940 renovou sua ficha na Biblioteca Nacional de Paris e voltou a trabalhar no inverno e na primavera daquele ano.

Foi neste momento absolutamente crítico em sua vida e na história da própria humanidade que Walter Benjamin elaborou aquele que hoje é seu texto mais conhecido, as teses *Sobre o conceito de história*. Estas teses não são um texto pronto e nem voltadas para publicação. As versões hoje disponíveis<sup>18</sup> foram resultado de uma construção a partir de diversas notas preparatórias, em partes marcadas pela reelaboração de alguns escritos anteriores – como o trabalho sobre as *Passagens* ou o ensaio sobre Eduard Fuchs. Apesar disso, tem um contorno próprio, seja em sua ordenação<sup>19</sup> (ainda que as versões tenham variações entre si), seja no fato de serem marcadas por uma escrita ativa na relação com os materiais anteriores que os reelaborava e os colocava

<sup>17</sup> Para o contexto de criação e o significado da revista, ver: Machado (2016, p. 109-119).

<sup>18</sup> Há diferentes versões das teses, com algumas diferenças entre si, indicações de modificações futuras, bem como um razoável volume de notas preparatórias. O próprio Benjamin era reticente da possibilidade de publicação destas teses, temeroso do mal-entendido que elas poderiam gerar. Foi recentemente disponibilizada uma edição em português que reúne essas diferentes versões e as notas preparatórias. (Benjamin, 2020b) Um dos organizadores da edição escreveu uma introdução em que comenta brevemente a diferença entre estas versões, cf.: Seligmann-Silva (2020, p. 9-28).

<sup>19</sup> Jeanne Marie Gagnebin, ao comentar esta ordenação, caracteriza as teses como uma constelação de motivos em forma de mosaico. (Gagnebin, 2011, p. 288) Seria preciso, portanto, evitar um raciocínio dedutivo do simples ao complexo em sua análise. Isso não significa, porém, que haja uma disposição aleatória, nem a impenetrabilidade do documento. Como realça Gagnebin, o exame das teses exige uma leitura atenta às suas referências, hipóteses, exemplos históricos, motivos de reflexão etc.

diante de uma conjuntura crítica. Segundo o próprio Benjamin, as teses eram marcadas pelo esforço de realizar um balanço das experiências coletivas vividas pelo menos nos últimos 20 anos. (GS I, p. 1226) E, naquilo que interessa a este ensaio, é também parte de sua teorização crítica sobre o fascismo alemão, como o próprio Walter Benjamin explicita em um dos manuscritos preparatórios à tese IX: “É necessária uma teoria da história, a partir da qual se possa encarar o fascismo”. (Benjamin, 2020b, p. 176; GS I, p. 1244)

Todas as versões começam com a famosa metáfora do anão e do autômato para tratar de possíveis usos da teologia pelo materialismo histórico – algo repleto de polêmicas entre intérpretes. Para além das considerações teóricas mais gerais sobre teologia e história presentes na primeira tese, Bruna Della Torre (2026) levantou algumas hipóteses instigantes de interpretação histórica desta questão, que reaparece em teses subsequentes. A autora se pergunta a respeito do motivo pelo qual o que Jameson chama de um “código teológico” (Jameson, 2020, capítulo 9) aparece com mais frequência neste texto do que em outros do mesmo período escritos por Walter Benjamin. Embora a teologia ocupe um papel importante ao longo da obra de Benjamin, sua ênfase neste último texto tanto recupera os aspectos anteriores quanto os submete a uma constelação crítica particular, em um mundo já sob o impacto da guerra e naquele momento da expansão fascista pela Europa. Isso leva Della Torre a indagar que a mobilização da teologia também pode estar relacionada à tentativa de formular um contraponto à dimensão milenarista e escatológica – certamente não as únicas – presentes no fascismo alemão. Ou seja, caberia ao materialismo histórico não somente decifrar essa dimensão, mas construir formas adequadas de combatê-la (inclusive sabendo usar a teologia, como menciona explicitamente na primeira tese).

Contra a mitificação do passado própria da ideologia fascista, Benjamin propõe uma chave dinâmica de percepção do passado. Sua imagem não é fixa, mas perpassa veloz diante de um presente repleto de perigos. E, justamente diante desse presente, é preciso fixá-las como imagem que relampeja no instante, em um gesto que vincula a rememoração do passado à ação política no tempo presente. Essas imagens (dialéticas) podem contribuir para a crítica da dominação presente, seja questionando a barbárie passada necessária à reprodução do atual estado de coisas, seja pensando as alternativas coletivas construídas pelos explorados e oprimidos em suas lutas por liberdade e igualdade. Afinal, como as teses parecem deixar entender, as disputas pela memória são parte integrante das lutas de classes. Em uma passagem repleta de referências ao seu tempo, afirma que “o dom de atear ao passado a centelha de esperança pertence somente *àquele* historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer”. (Benjamin, 2005, p. 65; GS I, p. 695) Ou seja, mesmo os mortos e o próprio acesso ao passado estão em perigo sob o fascismo, já que ele incide nestas disputas.

Há uma dialética entre paciência e urgência que atravessa as teses e as reflexões de Walter Benjamin sobre a história. Para ele, o historiador materialista deve estar atento ao detalhe, levando em conta que nada pode ser dado como perdido no terreno da história. Essa obsessão pelo detalhe implica uma reconstrução do passado com atenção não só ao que é habitualmente esquecido, mas também às energias transformadoras do que poderia ter sido. Ela é parte da necessidade obstinada de questionar cada vitória do inimigo. Justamente em razão desta necessidade, essa reconstrução paciente exige o momento de urgência. O historiador materialista lida com esse passado não apenas para conhecê-lo, mas para nos colocar no presente diante de um conjunto de questões postas no passado. É também para indicar que esse passado não é um mero dado bruto e acabado à espera do historiador (como querem os historicistas), mas pode ser transformado a partir da forma pela qual o acessamos e do que acessamos. Apesar do aparente paradoxo do que é uma transformação do passado, ela faz menção a uma dimensão importante do pensamento de Benjamin. (Gagnebin, 2018, p. 69-70; Szondi, 2009) O passado não é mero dado ou despojo. Ele atravessa o presente, não apenas por constituí-lo, mas porque seu acesso pelo sujeito histórico pode reavivá-lo de maneira transformada, tornando-o presente. Aos olhos de Benjamin, o historiador materialista é parte integrante da luta da classe combatente e oprimida. A imagem fixada do passado é apresentada justamente ao sujeito histórico no presente, em um momento carregado de tensões. A luta antifascista exige essa dimensão de urgência.

O fascismo é mencionado expressamente pela primeira vez na oitava das teses *Sobre o conceito de história*, embora já seja um assunto presente na tessitura histórica das demais. Mas vale enfatizar brevemente esta primeira menção explícita, em que Benjamin afirma:

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é a regra. Precisamos chegar a um conceito de história que dê conta disso. Então surgirá diante de nós nossa tarefa, a de instaurar o real estado de exceção; e graças a isso, nossa posição na luta contra o fascismo tornar-se-á melhor. A chance deste consiste, não por último, que seus adversários o afrontem em nome do progresso como se este fosse uma norma histórica. – O espanto em constatar que os acontecimentos que vivemos “ainda” sejam possíveis no século XX não é *nenhum* espanto filosófico. Ele não está no início de um conhecimento, a menos que seja o de mostrar que a representação da história donde provém aquele espanto é insustentável. (Benjamin, 2005, p. 83; GS I, p. 697)

Esta tese permite múltiplas camadas de interpretação, e, diante do atual contexto histórico, tem sido uma das mais comentadas. Gostaria de salientar brevemente alguns de seus aspectos mais relevantes no que diz respeito à teorização de Walter Benjamin sobre o fascismo enquanto fenômeno histórico. Quando Benjamin invoca a “tradição dos oprimidos” ou o lugar do século XX na história da humanidade, retoma a sétima tese para sublinhar que o fascismo se nutre de formas de dominação anteriores. No rico conjunto de imagens reunido nas teses, uma dessas formas é a colonização latino-americana e a transformação de certas partes do mundo em uma “câmara de tortura”. (Benjamin, 2013 [1929], p. 171; GS III, p. 180)<sup>20</sup> No continente europeu, os períodos da restauração ou da ditadura de Luís Bonaparte são abordados por oposição (pela recuperação dos eventos que as interromperam, no caso a Revolução de Julho de 1830 e a Comuna de Paris). De forma mais geral, o próprio imperialismo europeu em seus apetites expansionistas para dar vazão aos capitais sobreacumulados. Por analogia, outros episódios são invocados por diferentes comentadores/as.

Entretanto, não basta analisar o fascismo como mera repetição, lendo o início da tese de Benjamin de maneira unilateral como se tudo tivesse sido sempre da mesma forma. Uma das especificidades da teorização de Benjamin sobre o fascismo é destacar o seu caráter propriamente moderno, como produto da civilização urbano-industrial em crise e como parte de sua tentativa de sobrevivência e renovação. Isso o colocava inclusive na contramão de algumas correntes de esquerda, que se nutriam da crença de que o fascismo era meramente um resquício passadista e pré-moderno. Quando Benjamin pontuava as relações entre fascismo e progresso, procurava lidar com fenômenos próprios da modernidade capitalista. O conceito de progresso na modernidade adquire traços que lhe dão particularidade histórica própria em relação aos modos de produção anteriores, (Koselleck, 1999, p. 111-121)<sup>21</sup> culminando em uma releitura do próprio passado para inseri-lo em um tempo contínuo e linear capaz de apagar a barbárie e a dominação passada e presente para fomentar a adesão acrítica ao fluxo desta marcha supostamente irreversível – algo contra o qual Benjamin se insurgia nas teses VIII e IX, por exemplo. Ao longo do processo de afirmação do fascismo enquanto regime, as correntes tradicionalistas do fascismo perderam força hegemônica,<sup>22</sup> diante da predominância acelerada da industrialização (na qual estão incluídos os campos de trabalho forçado/escravo dos quais se nutriam as grandes empresas) associada às disputas imperialistas e da preparação alemã para a guerra - com a afirmação tecnológica que lhe era subjacente. Era por isso que Benjamin enfatizava em alguns de seus textos – e nas teses - os traços tecnocráticos do fascismo ou que culminam no fascismo, sem com isso cair na argumentação ingênua antitécnica.

<sup>20</sup> Foi no breve texto sobre Bartolomeu de Las Casas, no qual trata da colonização latino-americana, que Walter Benjamin utilizou-se da construção retórico-imagética de algo sobre o qual o sujeito que imagina ou relembra não pode deixar de refletir sem horror. Essa construção é retomada na tese anterior, a VII, quando trata dos bens culturais que têm sua origem sobre a qual o historiador materialista “não pode considerar sem horror”.

<sup>21</sup> Koselleck desenvolveu em um texto posterior, com maior riqueza de detalhes, a especificidade moderna do conceito de progresso, comparando-o com a percepção da estrutura temporal presente na antiguidade e na Idade Média. (Koselleck, 2020, p. 181-204)

<sup>22</sup> Ou se adaptam ao regime na síntese mítica de mundo produzida pelo fascismo alemão, como lembra Bolle. (Bolle, 1984, p. 96)

Ou seja, o fascismo é marcado pela dialética entre elementos de continuidade e de mudança histórica. Ele reúne formas de dominação pretéritas e as rearticula em um novo patamar, diante de uma conjuntura marcada por uma crise de ampla magnitude do modo de produção capitalista e das formas de dominação até então existentes. Como lembra no ensaio sobre A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica, e diferente de outras direitas, o fascismo tem um caráter mobilizador de massas. Ele é, como já dito, um regime de incorporação subalterna das massas na política e, por isso, se distingue de outras direitas que pressupunham um horizonte quietista das massas. O fascismo também se distingue das formas pré-modernas de dominação, em que a moderna sociedade urbana de massas ainda não estava formada. Para combatê-lo eficazmente é preciso mobilização e luta de massas, e não ficar preso ao taticismo parlamentar como durante parte do tempo acreditou a social-democracia. Mas, ao mesmo tempo, é preciso compreendê-lo adequadamente em sua dialética de continuidade/mudança para apreender sua especificidade sem cair em uma leitura homogênea da história.

O crítico alemão mobilizou nas teses algumas imagens de urgência que nos colocavam diante do tempo-agora, o tempo da luta antifascista, no qual uma das tarefas seria a instauração do “real estado de exceção”. Nesta contraposição entre um “estado de exceção” em que vivemos” e um “real estado de exceção” há referência explícita a Carl Schmitt, jurista de extrema-direita (que posteriormente aderiu ao fascismo) que Benjamin havia criticado nos anos 1920. Giorgio Agamben fez uma boa reconstrução desse debate, bem como da crítica à forma jurídica feita por Benjamin nesta tese que culmina no uso da expressão “real estado de exceção”. (Agamben, 2004, capítulo 4) O “real estado de exceção”, que faz referência a novas possibilidades revolucionárias postas pela luta do proletariado e dos oprimidos, posteriormente desdobra-se principalmente nas teses XIV-XVII, que tratam da revolução, e da XVIIa, que recupera o conceito marxiano de “sociedade sem classes”.

Principalmente entre as teses X e XIII, o fascismo segue sendo objeto de discussão. A tese X discute algumas das razões pelas quais as forças que deveriam combater o fascismo foram incapazes de fazê-lo. Já as teses XI e XIII desenvolvem o tema e são fortemente marcadas pela crítica à social-democracia, não para equipará-la ao fascismo (como irresponsavelmente foi formulado pelas correntes que advogavam a existência de um “social-fascismo”), mas para realizar um balanço crítico dos erros cometidos desde a Revolução Alemã que a tornaram incapaz de enfrentar adequadamente o fascismo. Benjamin problematiza principalmente a crença no progresso como norma histórica; a redução da política à sua dimensão institucional; e a concepção positivista de trabalho e de natureza. Estes elementos se articulam em uma concepção de história marcada por uma percepção do tempo como contínuo e linear, secundarizando os momentos de ruptura na história e de uma apreensão qualitativa do tempo a partir das experiências revolucionárias anteriores.

Embora a social-democracia alemã seja expressamente mencionada ao longo das teses, sob a rubrica do “marxismo vulgar” (no qual está incluída a social-democracia), também são feitas críticas indiretas ao stalinismo que se hegemoneizou na III Internacional. Benjamin pretende problematizar a incorporação da herança positivista em determinadas correntes do marxismo, bem como de uma concepção linear do tempo. O texto é profundamente atravessado pelo impacto subjetivo deixado em Benjamin pelo pacto Ribbentrop-Molotov entre Hitler e Stálin, e tem como pano de fundo as indagações críticas ao stalinismo feitas por Benjamin ao longo dos anos 1930. (Wisizla, 2013) Mas, ao contrário do que sugeriram Witte (2017, p. 133-137) e outros intérpretes, isso não significou o abandono do comunismo, mas a crítica de suas tendências dominantes naquele momento. Um dos objetivos das teses é propor uma concepção de tempo capaz de ampliar o potencial revolucionário do marxismo, interdito pelas correntes que se tornaram dominantes na II e na III Internacional. Justamente por isso, as teses XIV até a XVIIb23 são dedicadas à elaboração de uma teoria da revolução capaz de romper com o dogma do progresso.

<sup>23</sup> No exemplar pessoal de Benjamin, deixado na Biblioteca Nacional da França antes de sua tentativa de fuga da Europa e encontrado por Giorgio Agamben apenas nos anos 1980, há a indicação de inclusão da tese preparatória XVIIb em uma versão mais avançada das teses. É isso que leva algumas edições (Benjamin, 2005) a incluí-la em uma possível versão mais trabalhada das teses, ou a tratar este exemplar como uma das versões das teses. (Benjamin, 2020b)

As teses não deixam de ser caracterizadas por um movimento articulado. Por um lado, um duro balanço de seu tempo. Por outro, é um documento carregado de esperança em um porvir distinto. Em um dos contextos mais difíceis vividos pela humanidade (que tem um impacto subjetivo intenso sobre a vida do próprio Walter Benjamin), o texto procura falar sobre as possibilidades revolucionárias de transformação das relações existentes – mesmo quando estas possibilidades eram pequenas. É por isso que o texto não deixa de ser uma espécie de protesto contra as condições que o fizeram nascer.

Michael Löwy refere-se às teses como uma espécie de testamento político de Walter Benjamin. Era como se, em condições absolutamente adversas, o autor deixasse aquele documento para as gerações posteriores, sabendo que a história não se encerrava naquele momento. O próprio Löwy considera tais teses não só como um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX, como também talvez o documento histórico mais significativo para o pensamento revolucionário desde as Teses sobre Feuerbach de Marx. (Löwy, 2005, p. 17) Tais teses são, dentre outros aspectos, uma tentativa de elaboração crítica diante do “estado de exceção em que vivemos” e da urgência da luta contra o fascismo.

## VI. Considerações finais

Em seus escritos ao longo do período analisado, Walter Benjamin sublinhou em seus diferentes momentos o caráter eminentemente moderno do fascismo enquanto fenômeno histórico. Isso o colocou na contramão inclusive de correntes da própria esquerda, que viam no fascismo uma espécie de último suspiro ou resíduo pré-moderno. A representação mitificada da história e os usos seletivos do passado reproduzidos pela ideologia fascista estão associados não somente a uma tentativa de salvaguarda da ordem burguesa em crise, mas à sua renovação. Benjamin foi um dos autores que soube notar com perspicácia que a mitificação da história sugerida por correntes fascistas não era um mero retorno idílico aos valores pré-modernos e à sua visão de mundo rigidamente hierarquizada. O recurso a essa mitificação destinava-se a extrair dela certas formas de disciplinamento social em meio ao marco avançado do desenvolvimento das forças produtivas, integrando as massas em determinados lugares sociais, oferecendo uma expectativa de renovação do capitalismo em meio à maior crise econômica já vivenciada até então. E isso culmina na guerra, que oferece a estas massas um objetivo, ao mesmo tempo em que as integra nas disputas interimperialistas.

Se há de fato indicações que permanecem e são sustentadas no tempo, ao mesmo tempo suas teorizações sobre o fascismo transformam-se para acompanhar os desdobramentos do próprio fenômeno. Muitas vezes a imagem projetada por algumas interpretações sobre Benjamin é a de um gênio melancólico, incapaz ou receoso de se posicionar diante de determinados dilemas de seu tempo – a metáfora da clássica biografia de Werner Fuld (1979), “entre as cadeiras”, é sugestiva nesse sentido. A análise da apreensão da história em sua obra torna possível perceber um intelectual inquieto e um pensamento em processo, capaz de articular novos temas para enfrentar as questões de seu tempo. Não por meio de uma cumulação linear, mas imbricadas em seus contextos, produzindo tensões críticas criativas.

Justamente por ser uma teorização em processo, que procura acompanhar a transformação dos fenômenos reais, sua recepção contemporânea para lidar com o que vem sendo chamado de neofascismo (Mattos, 2020; Traverso, 2021) precisa também enfrentar as particularidades do tempo presente. Embora o neofascismo contemporâneo tenha especificidades em relação às suas formas de manifestação se comparado aos casos “clássicos”, os textos de Benjamin ainda podem conter instigantes reflexões para avaliar a dialética entre permanência e mudança em relação ao fascismo enquanto fenômeno histórico, tanto para tratar de suas condições de emergência/consolidação, quanto de algumas de suas expressões.

Sobretudo quando salienta as relações entre uma crise de grandes proporções e a ascensão do fascismo, em algo que tem particularidades nacionais; sua dimensão contrarrevolucionária (ainda que isso se expresse no neofascismo contemporâneo muito mais na forma de uma contrarrevolução preventiva, marcada pela memória das revoluções do século XX); o papel da liderança e das massas no fascismo; as reflexões sobre a temporalidade histórica que as forças de esquerda podem mobilizar para enfrentá-lo; a liberação em ampla magnitude de forças destrutivas em um mundo em

crise que produz novas guerras; entre outros aspectos. Há, com isso, elementos relevantes a serem considerados em análises que precisam, evidentemente, mediá-los com o tempo presente e o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012a.
- BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- BENJAMIN, Walter. (Br) *Briefe*. Frankfurt: Suhrkamp, 1966. 2v.
- BENJAMIN, Walter. (GB) *Gesammelte Briefe*. Band II (1919-1924). Frankfurt: Suhrkamp, 1996.
- BENJAMIN, Walter. (GS) *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1972-1989. 7 v.
- BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BENJAMIN, Walter. “O direito de usar a violência”. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, 2020a, p. 2090-2098.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Vols. I e II. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. São Paulo: Alameda, 2020b.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BENJAMIN, Walter. “Teorias do fascismo alemão”. In: BOLLE, Willi (org.) *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos reunidos. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 130-137.
- BENJAMIN, Walter & ADORNO, Theodor. *Correspondência (1928-1940)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012b.
- BENJAMIN, Walter & SCHOLEM, Gershom. *Correspondência*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: EdUSP, 2022.
- BOLLE, Willi. *Tableaux Berlinoises* (Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar). Tese de livre-docência – Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- BRODERSEN, Momme. *Walter Benjamin*: a biography. London: Verso, 1997.
- DELLA TORRE, Bruna. *No limiar do fim dos tempos*: Walter Benjamin, messianismo e fascismo, 2026. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2026/01/31/no-limiar-do-fim-dos-tempos-walter-benjamin-messianismo-e-fascismo/>>. Acesso em: 24/02/2026.
- DE MICHELI, Mario. *Las vanguardias artísticas del siglo XX*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- EILAND, Howard & JENNINGS, Michael. *Walter Benjamin*: a critical life. Massachusetts: Harvard University Press, 2014.
- FENVES, Peter. *The messianic reduction*: Walter Benjamin and the shape of time. Califórnia: Stanford University Press, 2011.
- FERREIRA, José Mendes. “Introdução – o futurismo: antecedentes e intenções”. In: FERREIRA, José Mendes (org.). *Antologia do futurismo italiano*: manifestos e poemas. Lisboa: Editorial Veja, 1979, p. 15-42.
- FULD, Werner. *Walter Benjamin*: Zwischen den Stühlen. Munique-Viena: Hanser, 1979.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Walter Benjamin, um ‘estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã’”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 205-212.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Über den Begriff der Geschichte”. In: LINDNER, Burkhardt (edit.). *Benjamin Handbuch: Leben – Werk - Wirkung*. Stuttgart: Metzler, 2011, p. 284-300.
- GUERREIRO DA COSTA, Gilmário. “Crítica e enfrentamento do fascismo nas teses ‘Sobre o Conceito de História’, de Walter Benjamin”. *O que nos faz pensar*, v. 30, n. 50, jan-jun, 2022, p. 222-246.
- HENNIG, Markus. “The masses between their expression and their right”. Presentation at the workshop “Working with Benjamin on Law”, 15-17 July 2021, Berlin.
- HILLACH, Ansgar. “The aesthetics of Politics: Walter Benjamin’s ‘Theory of German Fascism’”. *New German Critique*, n. 17, 1979, p. 99-119.
- JAMESON, Frederic. *Benjamin files*. London: Verso, 2020.
- JÜNGER, Ernst. *Tempestades de aço*. São Paulo: Carambaia, 2024.
- JÜNGER, Ernst. “A mobilização total”. *Natureza Humana*, v. 4, n. 1, jun, 2002, p. 189-216.
- JÜNGER, Ernst. *La battaglia come esperienza interiore*. Bologna: Piano B edizione, 2014.
- KHATIB, Sami. “Society and Violence”. In: BEST, Beverley; BONEFELD, Werner; O’KANE, Chris (orgs.). *The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory*. Newbury Park: Sage, 2018, p. 607-624.
- KIRCHHEIMER, Otto. “State Structure and Law in the Third Reich”. In: SCHEUERMAN, William E. (edit.). *The rule of Law under Siege: selected essays from Franz L. Neumann and Otto Kirchheimer*. Los Angeles: University of California Press, 1996, p. 142-171.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- KRACAUER, Siegfried. *From Caligari to Hitler. A psychological history of the German Film*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- LINDNER, Burkhardt. “Habitationsakte Benjamin: Über ein ‘akademisches Trauerspiel’ und über ein Vorkapitel der ‘Frankfurter Schule’ (Horkheimer-Adorno)”. In: LINDNER, Burkhardt (edit.). *Walter Benjamin im Kontexte*. Königstein: Athenäum, 1985, p. 324-341.
- LOUREIRO, Isabel. *A revolução alemã, 1918-1923*. São Paulo: UNESP, 2005.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, Michael. *A revolução é o freio de emergência: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- LÖWY, Michael. “Temps messianique et historicité révolutionnaire chez Walter Benjamin”. *Vingtième Siècle*, n. 117, jan-mar, 2013, p. 107-118.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2016.
- MACHADO, Francisco Pinheiro. “Apresentação”. In: BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012, p. 3-7.
- MACHADO, Francisco Pinheiro. “Cultura e psicologia de massas em Walter Benjamin e Theodor Adorno”. *Revista Limiar*, v. 12, n. 23, 2025, p. 155-168.
- MARINETTI, Filippo T. *Zang tumb tuum: adrianopoli, ottobre, 1912*. Milano: Edizioni Futuriste di Poesia, 1914.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. “Manifesto do Partido Comunista”. *Revista Estudos Avançados*, v. 12, n. 34, 1998, p. 7-46. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari.

- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- REBUÁ, Eduardo. *Benjamin insólito*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2019.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RENTON, David. *Fascismo: história e teoria*. São Paulo: Usina Editorial, 2024.
- RICHARD, Lionel. *A república de Weimar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A ‘segunda técnica’ em Walter Benjamin: o cinema e o novo mito da caverna”. In: BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 23-49.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação: sobre o conceito de história de Walter Benjamin”. In: BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história: edição crítica*. São Paulo: Alameda, 2020.
- SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SZONDI, Peter. “Esperança no passado – sobre Walter Benjamin”. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 6, abr, 2009, p. 13-25.
- TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo*. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.
- VIEIRA, Rafael B. “Sobre o Estado na obra de Walter Benjamin: percursos de uma questão”. In: GOMES, Gustavo; SCHITTINO, Renata (orgs.). *Estado, Direito e Marxismo*. São Paulo: Usina, 2023, p. 240-275.
- VIEIRA, Rafael B. *Walter Benjamin: o direito, a política e a ascensão e colapso da República de Weimar (1918/9 – 1933)*. Tese (Doutorado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.
- VIEIRA, Rafael B. *Walter Benjamin e o marxismo, 100 anos depois, 2026*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2024/12/21/walter-benjamin-e-o-marxismo-100-anos-depois/#0f2ed5f5-d19b-49f5-b35b-b6cfeff43d7c>>. Acesso em 24/02/2026.
- WISIZLA, Erdmut. *Benjamin e Brecht: história de uma amizade*. São Paulo: EdUSP, 2013.
- WITTE, Bernd. *Walter Benjamin: uma biografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em 27 de fevereiro de 2026  
Aprovado em 18 de março de 2026